

UM ESTUDO SOBRE SABERES POPULARES NA CONSTRUÇÃO CIVIL MINEIRA

Thales Pereira

FAU USP | thalespereira@usp.br

5º Seminário de Arquitetura Vernacular/Popular | Usos, Técnicas e Espaços

Resumo: A presente pesquisa investiga os saberes populares e orais compartilhados nos canteiros de obras do interior de Minas Gerais, com foco nas regiões do Sul de Minas, analisando sua permanência na história comunitária a partir de experiências coletivas e acervos familiares. Frequentemente marginalizados pelas normativas técnicas oficiais, esses saberes expressam uma inteligência coletiva sensível ao ambiente e resistente ao modelo produtivista dominante, oferecendo soluções construtivas sustentáveis hoje ameaçadas pelo avanço urbano e tecnológico, fatores que contribuem para seu apagamento e para a desvalorização do trabalhador como sujeito criativo no processo construtivo. Nesse contexto, a pesquisa enfatiza a necessidade de reconhecer os saberes vernaculares como formas legítimas de conhecimento, profundamente vinculadas ao fazer e ao viver das comunidades, evidenciando sua relevância cultural, social e ambiental e sua capacidade de tensionar a lógica hegemônica da construção civil contemporânea. Ao mobilizar memórias de trabalhadores da construção civil ao longo de gerações, tendo como ponto de partida as trajetórias intergeracionais do avô e do pai do pesquisador, o estudo propõe aproximações entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares, contribuindo para a preservação desses patrimônios imateriais e para a formulação de uma arquitetura mais justa, situada e sensível às realidades locais e regionais brasileiras. A metodologia articula entrevistas, histórias orais, observação participante e registros fotográficos sistemáticos, culminando na elaboração de um glossário de técnicas construtivas tradicionais compreendidas como expressões de conhecimento, memória e prática social coletiva.

Palavras-chave: Oralidade; Saberes populares; Sul de Minas; Transmissão dos saberes.

A STUDY ON POPULAR KNOWLEDGE IN CIVIL CONSTRUCTION IN MINAS GERAIS

This research investigates the popular and oral knowledge shared on construction sites in the interior of Minas Gerais, focusing on the southern regions of Minas Gerais, analyzing its permanence in community history based on collective experiences and family collections. Often marginalized by official technical regulations, this knowledge expresses a collective intelligence that is sensitive to the environment and resistant to the dominant productivist model, offering sustainable construction solutions that are currently threatened by urban and technological advancement, factors that contribute to its erasure and to the devaluation of the worker as a creative subject in the construction process. In this context, the research emphasizes the need to recognize vernacular knowledge as legitimate forms of knowledge, deeply linked to the work and life of communities, highlighting its cultural, social and environmental relevance and its ability to challenge the hegemonic logic of contemporary civil construction. By mobilizing the memories of construction workers over generations, starting with the intergenerational trajectories of the researcher's grandfather and father, the study proposes approximations between academic knowledge and popular knowledge, contributing to the preservation of these intangible heritages and to the formulation of a fairer architecture, situated and sensitive to Brazilian local and regional realities. The methodology combines interviews, oral histories, participant observation and systematic photographic records, culminating in the creation of a glossary of traditional construction techniques understood as expressions of knowledge, memory and collective social practice.

Keywords: **Orality:** Popular knowledge; Southern Minas Gerais; Transmission of knowledge.

UM ESTUDIO SOBRE LOS CONOCIMIENTOS POPULARES EN LA CONSTRUCCIÓN CIVIL DE MINAS GERAIS

Resumen: La presente investigación estudia los conocimientos populares y orales compartidos en las obras de construcción del interior de Minas Gerais, con enfoque en las regiones del sur de Minas Gerais, analizando su permanencia en la historia comunitaria a partir de experiencias colectivas y colecciones familiares. A menudo marginados por las normativas técnicas oficiales, estos conocimientos expresan una inteligencia colectiva sensible al medio ambiente y resistente al modelo productivista dominante, ofreciendo soluciones constructivas sostenibles hoy amenazadas por el avance urbano y tecnológico, factores que contribuyen a su borrado y a la devaluación del trabajador como sujeto creativo en el proceso constructivo. En este contexto, la investigación enfatiza la necesidad de reconocer los saberes vernáculos como formas legítimas de conocimiento, profundamente vinculadas al hacer y al vivir de las comunidades, evidenciando su relevancia cultural, social y ambiental y su capacidad de tensionar la lógica hegemónica de la construcción civil contemporánea. Al movilizar las memorias de los trabajadores de la construcción a lo largo de generaciones, tomando como punto de partida las trayectorias intergeneracionales del abuelo y el padre del investigador, el estudio propone aproximaciones entre el conocimiento académico y el conocimiento popular, contribuyendo a la preservación de estos patrimonios inmateriales y a la formulación de una arquitectura más justa, situada y sensible a las realidades locales y regionales brasileñas. La metodología articula entrevistas, historias orales, observación participante y registros fotográficos sistemáticos, culminando en la elaboración de un glosario de técnicas constructivas tradicionales entendidas como expresiones de conocimiento, memoria y práctica social colectiva.

Palabras clave: Oralidad; Conocimientos populares; Sur de Minas; Transmisión de conocimientos.

1.INTRODUÇÃO

A história da arquitetura e da construção no Brasil é marcada por profundas assimetrias entre o conhecimento técnico formalizado e os saberes populares que sustentaram, durante séculos, a produção do espaço construído. Em especial no interior do país, práticas construtivas baseadas na experiência, na observação do ambiente e na transmissão oral constituíram a base material de cidades, vilas, fazendas e habitações que ainda hoje conformam a paisagem cultural brasileira. Entretanto, tais práticas encontram-se ameaçadas por processos de urbanização acelerada, pela substituição de técnicas tradicionais por sistemas industrializados e pela crescente invisibilização do trabalhador da construção civil como sujeito detentor de conhecimento.

No contexto mineiro, particularmente na região do Sul de Minas, esses saberes vernaculares permanecem vivos em canteiros de obras populares, reformas, ampliações e processos de autoconstrução. Ao investigar esses saberes a partir da memória oral e das vivências intergeracionais, o estudo busca contribuir para o debate sobre arquitetura vernacular e patrimônio imaterial, examinando as relações entre o conhecimento acadêmico e os saberes do fazer.

A escolha de Minas Gerais como recorte territorial não é fortuita. O estado possui uma longa tradição construtiva associada ao uso de materiais naturais, como terra, pedra e madeira, além de uma cultura do trabalho marcada pela transmissão familiar dos ofícios. Ao mobilizar memórias familiares como ponto de partida, a pesquisa adota um posicionamento metodológico que reconhece a experiência pessoal como via de acesso a processos coletivos. Como desdobramento, propõe-se a elaboração de um glossário de termos e técnicas vernaculares, materiais, técnicas construtivas, tipologias espaciais e práticas sociais associadas ao trabalho.

3

2.ARQUITETURA VERNACULAR E SABERES POPULARES

A compreensão da arquitetura vernacular como campo legítimo de reflexão teórica constitui um processo relativamente recente na historiografia da arquitetura. Durante longo período, a produção edificada realizada fora do circuito erudito foi tratada como manifestação menor, associada ao improviso ou à precariedade técnica. Apenas a partir da segunda metade do século XX, com a ampliação dos debates culturais e antropológicos no interior da disciplina, passou-se a reconhecer que tais construções expressam racionalidades próprias, profundamente vinculadas às condições sociais, econômicas e ambientais de cada território. Nesse sentido, a arquitetura vernacular pode ser entendida como o conjunto de práticas construtivas desenvolvidas por comunidades ao longo do tempo, baseadas em conhecimentos empíricos e na utilização de recursos disponíveis localmente (WEIMER, 2022).

Os chamados saberes populares podem ser definidos como formas de conhecimento produzidas coletivamente e transmitidas predominantemente pela oralidade e pela

prática. Diferentemente do saber técnico-científico, estruturado em manuais, normas e procedimentos formais, esses saberes organizam-se a partir da experiência cotidiana, da observação e da repetição de gestos (BOSI, 1994). No âmbito da construção civil, manifestam-se em decisões que articulam sensibilidade material e inteligência prática: a escolha do tipo de terra para o adobe, o momento adequado para erguer uma parede, a maneira correta de escorar uma estrutura ou de resolver patologias construtivas recorrentes.

Diversos autores contribuíram para a consolidação de uma leitura crítica da produção vernacular. Sylvio de Vasconcellos, ao estudar a arquitetura mineira, demonstrou que as técnicas construtivas coloniais não eram meras reproduções de modelos europeus, mas adaptações criativas às condições materiais e culturais locais (VASCONCELLOS, 1979). Carlos Lemos, por sua vez, ao investigar a formação das cidades e da habitação no Brasil, enfatizou a importância das soluções populares e do saber do ofício na constituição do ambiente construído, defendendo que a história da arquitetura brasileira não pode ser compreendida sem considerar a contribuição anônima dos mestres e trabalhadores (LEMOS, 2006).

A perspectiva crítica acerca das relações de produção no canteiro de obras foi aprofundada por Sérgio Ferro, para quem a construção civil moderna estruturou-se historicamente a partir da separação entre projeto e execução, produzindo a alienação do trabalhador em relação ao resultado de seu próprio trabalho (FERRO, 2006).

4

Cita-se também que as contribuições de Lina Bo Bardi são particularmente relevantes para este debate. Em seus escritos e projetos, a arquiteta defendeu a valorização da cultura material popular e das técnicas tradicionais brasileiras, entendendo-as como base para uma arquitetura socialmente comprometida e culturalmente situada (BARDI, 1994). Lina defendeu a valorização da cultura material popular e das técnicas tradicionais brasileiras como referência para práticas arquitetônicas socialmente situadas. Tal posicionamento aproxima-se das diretrizes contemporâneas de preservação do patrimônio imaterial formuladas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, que reconhece os modos de fazer e os ofícios tradicionais como bens culturais de natureza intangível (IPHAN, 2000).

No âmbito da produção popular, a incorporação de repertórios formais provenientes de diferentes períodos históricos ocorreu de maneira não linear e frequentemente híbrida. Elementos associados às tradições clássica, barroca ou eclética foram reinterpretados por meio de soluções simplificadas, combinando arcos, pilastras, ornamentos e composições geométricas de forma livre, em diálogo com as condições técnicas e materiais disponíveis. Tal processo não pode ser compreendido como mera reprodução estilística, mas como resultado de escolhas práticas, da imaginação construtiva e da experiência acumulada dos construtores.

Figura 1:



Residência construída na década de 60 em Prados, MG.
Fonte: Acervo do Autor / Thales Pereira 14/12/2024

5

Essa dinâmica torna-se particularmente evidente durante o período do historicismo, no final do século XIX e início do século XX. Enquanto a arquitetura erudita buscava no passado referências normativas e sistematizadas, a produção popular apropriou-se desses repertórios de modo fragmentado e inventivo, dando origem a uma ampla diversidade de soluções formais. Muitas dessas construções foram posteriormente enquadradas de maneira imprecisa em categorias estilísticas consolidadas como o art déco sem consideração pelos contextos sociais, técnicos e produtivos que orientaram sua realização.

Em outros contextos históricos, observa-se um movimento inverso, no qual referências da arquitetura colonial passaram a ser mobilizadas como base simbólica da arquitetura nacional, sendo incorporadas ao repertório erudito, especialmente no neocolonial. Em momentos posteriores, contudo, essas mesmas referências foram gradualmente abandonadas, como exemplifica a substituição dos beirais por platibandas, frequentemente justificada por argumentos técnicos e sanitários, mas também associada a transformações nos valores simbólicos atribuídos ao legado colonial.

Esses deslocamentos evidenciam que a arquitetura popular não constitui uma categoria fixa ou residual, mas um campo dinâmico de produção cultural, atravessado por trocas contínuas com a arquitetura erudita e pelas mudanças nas ideologias estéticas

dominantes. A dificuldade de enquadrar tais construções em classificações rígidas revela, em última instância, os limites das categorias tradicionais da historiografia arquitetônica e aponta para a necessidade de abordagens que reconheçam a complexidade e a historicidade dos processos construtivos populares.

Assim, ao articular arquitetura vernacular e saberes populares, o presente estudo assume uma abordagem que valoriza o conhecimento produzido fora das instituições formais, entendendo-o como componente essencial da cultura construtiva brasileira.

3.SUL DE MINAS

A compreensão das práticas construtivas vernaculares pressupõe a análise do território em que se desenvolvem. O Sul de Minas configura um recorte relevante para o estudo da permanência e transformação dos saberes construtivos associados à construção civil, em função de suas características históricas e socioculturais, que contribuíram para a conformação de uma cultura material vinculada ao uso de recursos locais, ao trabalho familiar e à transmissão intergeracional dos ofícios.

Historicamente, a região estruturou-se a partir de processos de ocupação distintos dos grandes centros auríferos, articulando núcleos urbanos consolidados a uma rede de propriedades rurais ligadas à agropecuária e, posteriormente, às economias cafeeira e leiteira. Essa configuração resultou em cidades de escala intermediária e em uma paisagem construída marcada pela continuidade entre espaços urbanos e rurais (FURTADO, 2006).

Embora autores como Vasconcellos (1979) e Lucio Costa (2004) atribuam à arquitetura mineira colonial um caráter autônomo, no Sul de Minas do século XX essa autonomia manifesta-se sobretudo como prática cotidiana, associada à atuação de mestres de obra locais e à difusão da autoconstrução. A produção arquitetônica regional organiza-se a partir de soluções recorrentes, com uso da madeira, da terra crua e da pedra, coberturas inclinadas e tipologias simples, adequadas às condições locais e às dinâmicas do trabalho familiar.

Nesse contexto, técnicas como taipa de pilão, pau a pique, cantaria e carpintaria artesanal integram um repertório construtivo que fora praticado há um tempo e embora menos usuais nos dias de hoje, possuem detentores desses saberes espalhados pela região. Estudos do IPHAN indicam que essas práticas constituem um patrimônio imaterial em transformação, evidenciado pela coexistência entre edificações históricas e construções recentes que incorporam materiais industrializados sem romper com a lógica vernacular (IPHAN, 2000).

Pesquisas sobre a arquitetura rural da região reforçam essa leitura. Cruz (2010) observa que a organização espacial das fazendas sul-mineiras responde às demandas da economia agropecuária, enquanto Ferraz (2020) destaca que soluções como o uso da

madeira, da taipa e das coberturas de duas e quatro águas resultam de ajustes às condições topográficas e climáticas locais, mais do que da reprodução de modelos coloniais consagrados.

Dessa forma, a arquitetura vernacular sul-mineira pode ser compreendida como expressão de processos históricos e socioculturais específicos, nos quais modos de vida, relações de trabalho e estratégias de adaptação ao território seguem informando as práticas construtivas contemporâneas (LEMOS, 2006; BARDI, 1994).

4.MEMÓRIA, ORALIDADE E TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL

A memória oral constitui um dos principais meios de transmissão dos saberes construtivos populares e orienta a abordagem metodológica desta pesquisa. Diferentemente do conhecimento técnico formalizado em normas, manuais e projetos, o saber do canteiro estrutura-se a partir da experiência compartilhada, circulando por narrativas, orientações práticas e demonstrações cotidianas, configurando um patrimônio imaterial mantido pela prática continuada e pela convivência entre gerações.

Essa aprendizagem se constrói na participação direta nas atividades, em um regime no qual ver, repetir e errar fazem parte do processo. O canteiro de obras se apresentou, assim, como um espaço de formação não institucionalizada, onde o conhecimento é transmitido pela convivência e pela experiência compartilhada. A pesquisa, nesse contexto, assumiu um caráter necessariamente imersivo: escutar, observar e acompanhar o trabalho revelou-se fundamental para compreender não apenas como se constroem os objetos, mas como se produzem e se mantêm os próprios saberes que sustentam essas práticas.

As trajetórias do avô e do pai do pesquisador (Figura 2) exemplificam a transmissão intergeracional desses conhecimentos. Ambos ingressaram precocemente na construção civil e assimilaram o ofício gradualmente por meio da convivência com trabalhadores mais experientes e da repetição de tarefas. Suas experiências evidenciam que o aprendizado técnico esteve associado a valores do exercício profissional, como responsabilidade técnica, cuidado com os materiais e cooperação entre trabalhadores.

Figura 2:



Pai e avô do pesquisador em visita a Itumirim, MG.
Fonte: Acervo do Autor / Thales Pereira 04/04/2025

A análise qualitativa baseia-se na escuta dos trabalhadores, na observação participante em canteiros de obras e no registro de técnicas, vocabulários e modos de fazer, possibilitando o acesso a conhecimentos tácitos e situados. A incorporação das memórias familiares implica reconhecer o envolvimento do pesquisador no campo investigado e fundamenta uma análise situada dos saberes populares.

8

Os dados de campo indicam que pedreiros, mestres de obras, carpinteiros e ajudantes atuam como agentes ativos na definição das soluções construtivas, mobilizando conhecimentos acumulados ao longo da experiência profissional. Em contextos de autoconstrução e de pequenas obras sem acompanhamento técnico sistemático, essa autonomia torna-se mais evidente, com soluções elaboradas de forma colaborativa diante de restrições econômicas e materiais, em consonância com Lemos (1989) e Weimer (2005).

A criatividade observada manifesta-se como componente ordinário do trabalho, articulando tradição e experimentação, conforme aponta Ferraz (2020). Essa dimensão relaciona-se ao debate sobre sustentabilidade, uma vez que as técnicas vernaculares observadas se baseiam no uso de materiais locais, na economia de recursos e na adequação às condições climáticas, resultando em baixo impacto ambiental e melhoria do conforto térmico.

Os resultados indicam que a continuidade dos saberes vernaculares depende do reconhecimento social do trabalhador e de suas competências. A análise conjunta do papel do trabalhador da construção civil e da atualidade desses saberes demonstra que tradição e contemporaneidade podem ser articuladas, oferecendo subsídios para modos de construir contextualizados e adequados às realidades locais.

6.0 TRABALHADOR E A CONTEMPORANEIDADE

Os dados coletados em campo indicam que pedreiros, mestres de obra, carpinteiros e ajudantes atuam como agentes ativos na definição das soluções construtivas, mobilizando conhecimentos acumulados ao longo da experiência profissional e das práticas cotidianas. Tal constatação desloca a compreensão tradicional do processo construtivo e permite reconhecer esses trabalhadores como sujeitos criativos e produtores de conhecimento técnico.

As observações realizadas in loco demonstram que grande parte das decisões tomadas no decorrer das obras decorre de avaliações práticas realizadas pelos próprios trabalhadores. A escolha do traço da argamassa, a adequação de uma técnica ao tipo de solo disponível, o reaproveitamento de materiais e a definição de estratégias para solucionar problemas imprevistos revelam uma forma de racionalidade que se estrutura a partir da experiência.

Nos contextos de autoconstrução e de pequenas obras sem acompanhamento profissional sistemático, essa autonomia torna-se ainda mais evidente. As entrevistas realizadas com trabalhadores da região apontam que, diante de limitações econômicas e materiais, as soluções construtivas são frequentemente elaboradas de maneira colaborativa, combinando procedimentos tradicionais com adaptações circunstanciais. Tais práticas aproximam-se das análises de Carlos Lemos (1989) e Gunter Weimer (2005), para quem a arquitetura popular brasileira resulta de um processo histórico de ajustes contínuos entre necessidade, disponibilidade de recursos e conhecimento empírico.

A criatividade identificada nesses processos não se manifesta como excepcionalidade, mas como parte constitutiva do cotidiano do trabalho. Marcelo Ferraz (2020), ao estudar a arquitetura rural da Serra da Mantiqueira, destaca que muitas soluções construtivas observadas nessas regiões derivam precisamente dessa inteligência prática desenvolvida no fazer, na qual tradição e experimentação se combinam de forma indissociável.

A dimensão criativa do trabalho relaciona-se ao debate contemporâneo sobre sustentabilidade, uma vez que as técnicas vernaculares observadas em campo se fundamentam no uso de materiais locais, na economia de recursos e na adequação às condições climáticas. Soluções como paredes de terra crua, estruturas de madeira regional e coberturas ventiladas contribuem para a redução de custos, a diminuição de impactos ambientais e a melhoria do conforto térmico, evidenciando que a sustentabilidade, nesse contexto, resulta de práticas construtivas socialmente enraizadas e baseadas na experiência.

Os resultados da pesquisa de campo indicam que, na região estudada, a continuidade dos saberes vernaculares depende diretamente do reconhecimento social do

trabalhador e de suas competências. A desvalorização desses conhecimentos tende a provocar o abandono de técnicas adequadas ao clima e ao contexto local, substituídas por soluções padronizadas e de maior impacto ambiental. Valorizar tais saberes significa, portanto, não apenas preservar um patrimônio cultural, mas também ampliar as possibilidades de construção de uma arquitetura contemporânea mais sustentável e socialmente comprometida.

Dessa forma, a análise conjunta do papel do trabalhador da construção civil e da atualidade dos saberes vernaculares permite compreender que tradição e contemporaneidade não constituem campos opostos. As práticas observadas nos canteiros do Sul de Minas demonstram que é possível articular experiência acumulada, criatividade cotidiana e responsabilidade ambiental, oferecendo referências concretas para o desenvolvimento de modos de construir mais contextualizados e tecnicamente consistentes.

7. TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

No Sul de Minas, as técnicas construtivas vernaculares caracterizam-se pela recorrência do uso da terra crua, tijolo de cerâmica, da madeira e da pedra, combinadas segundo lógicas construtivas consolidadas e amplamente difundidas no território. Sistemas como pau-a-pique e taipa, em suas diferentes variações, articulam-se a estruturas autônomas de madeira e a fundações rasas em pedra, frequentemente executadas sob a forma de taipa de pedra, utilizadas tanto como base das edificações quanto na conformação de muros e arrimos. As coberturas em telhas cerâmicas organizam-se predominantemente em telhados de duas ou quatro águas, com beirais pronunciados, que contribuem para a proteção das paredes e para a durabilidade dos materiais construtivos. Em alguns exemplares, contudo, os beirais são substituídos por platibandas, associadas a transformações formais vinculadas ao período pós-Império. Os acabamentos caracterizam-se pela simplicidade e funcionalidade, com uso recorrente da pintura à base de cal e a presença pontual de elementos decorativos discretos, aplicados sobretudo nas fachadas, como arcos, molduras de janelas, frisos e pilares ornamentados.

Figura 3:



Muro de taipa de pedra com junta seca e muro de pedra com massa de cimento feito posteriormente. Ao fundo residência com estrutura de madeira, parede de adobe e telhado com telha canal. Residência construída na década de 40 em Itumirm, MG.

Fonte: Acervo do Autor / Thales Pereira 05/04/2025

A organização espacial das edificações reflete diretamente os modos de habitar e de produzir. No interior das casas, a cozinha ocupa posição central, estruturada em torno do fogão a lenha, elemento que articula práticas domésticas e relações cotidianas. Nas áreas rurais, as residências integram-se a conjuntos mais amplos de edificações de apoio, conformando complexos produtivos associados às atividades agrícolas e à economia doméstica, nos quais diferentes tipologias se articulam de forma funcional.

Nas últimas décadas, observa-se um declínio progressivo do emprego dessas técnicas, em decorrência da disseminação de sistemas construtivos industrializados, das transformações nos modos de produção e da desvalorização social dos saberes empíricos. A substituição de soluções tradicionais por materiais padronizados, muitas vezes inadequados às condições locais, tem contribuído para a descaracterização das edificações e para a interrupção da transmissão intergeracional desses conhecimentos. Nesse contexto, o registro e a sistematização dos termos aqui apresentados de forma sintética e desenvolvidos posteriormente em glossário constituem instrumento relevante para a preservação da memória construtiva regional e para o debate contemporâneo sobre arquitetura vernacular e permanência cultural.

Diante desse cenário, o presente trabalho segue com a apresentação de um breve glossário, constituído a partir dos conhecimentos transmitidos pelo pai e pelo avô, que se configuram como fontes primárias deste estudo, detentores de saberes oriundos da prática direta na construção civil. O glossário apresenta-se, assim, como instrumento de apoio ao registro da memória construtiva regional e ao debate contemporâneo sobre arquitetura vernacular e permanência cultura.

8. GLOSSÁRIO

1. TAIPA DE PEDRA

Taipa de pedra.: Técnica construtiva tradicional que consiste na execução de paredes por meio do empilhamento organizado de pedras naturais, geralmente extraídas do próprio terreno ou de áreas próximas à obra. As pedras podem ser assentadas com ou sem o uso de argamassa, dependendo da tradição local e da finalidade da edificação. Caracteriza-se pelo aproveitamento de materiais disponíveis no entorno e pela elevada durabilidade.

2. ADOBE

Adobe.: Bloco construtivo produzido a partir da mistura de terra argilosa, areia, água e, em alguns casos, fibras vegetais como palha ou capim. Moldado manualmente e seco ao sol, o adobe é amplamente utilizado na construção de paredes em regiões de clima seco ou de baixa pluviosidade.

12

3. TÉCNICAS DE CARPINTARIA TRADICIONAL

Carpintaria.: Conjunto de técnicas destinadas ao trabalho com a madeira na execução de estruturas, coberturas, esquadrias e elementos construtivos diversos.

Encaixe.: Sistema de união entre peças de madeira realizado sem o uso de pregos ou parafusos, baseado em cortes e ajustes precisos. Exemplos comuns são o encaixe tipo macho-e-fêmea, meia-madeira e rabo de andorinha.

Esteio.: Elemento vertical de madeira que funciona como pilar nas construções tradicionais, apoiando vigas e estruturas de cobertura.

4. CIMENTO QUEIMADO

Vermelhão / Amarelão / Cimento queimado.: Técnica de acabamento de pisos e superfícies que consiste na aplicação de uma argamassa de cimento e areia, alisada manualmente e finalizada com pó de cimento espalhado sobre a superfície ainda úmida, resultando em aspecto liso e contínuo. (Comumente utilizado com tinta xadrez amarela ou vermelha, podendo ser utilizada em qualquer cor).

5. BEIRAIS E TELHAS

Beiral em cachorrada.: Tipo de beiral sustentado por peças de madeira aparentes (cachorros), dispostas em balanço a partir da parede. Além da função estrutural, possui caráter expressivo e construtivo nas edificações vernaculares.

Beiral de telha em bica.: Beiral executado com a própria telha projetada para fora da parede, conduzindo a água diretamente para longe da fachada. Solução simples e recorrente em construções tradicionais.

Telha capa e bica.: Sistema de cobertura composto por duas telhas coloniais distintas: a bica, responsável pela condução da água, e a capa, que cobre as juntas entre as peças. Técnica tradicional que assegura vedação e durabilidade ao telhado.

6. PINGADEIRA

Lombo de coelho.: Elemento construtivo saliente executado em adobe, tijolo de barro ou pedra, disposto sobre vãos ou no coroamento de muros. Sua forma arredondada conduz a água para fora da superfície, evitando o escoamento pelas paredes e protegendo a alvenaria.

Além das técnicas e dos materiais descritos anteriormente, apresentam-se a seguir outras terminologias relacionadas a materiais, técnicas construtivas e ofícios, identificadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Carpinteiro.: Ofício responsável pela execução de estruturas e elementos em madeira, como tesouras, caibros, beirais e esquadrias. Seu saber é predominantemente empírico e transmitido pela prática.

Taipeiro.: Ofício ligado à execução de paredes de taipa, especialmente taipa de mão ou de pilão. Domina os procedimentos de montagem, compactação e cura da terra.

Oleiro.: Responsável pela produção artesanal de elementos cerâmicos, como telhas e tijolos. Seu trabalho envolve o preparo da argila, moldagem, secagem e queima das peças.

Ferreiro.: Ofício tradicional responsável pela fabricação manual de ferramentas, ferragens e elementos metálicos. Atua em estreita relação com os demais ofícios do canteiro.

Tempo de cura.: Período necessário para a secagem e estabilização dos materiais construtivos. É fundamental para garantir resistência e durabilidade.

Tempo da terra.: Expressão que designa o ritmo construtivo determinado pela terra, pelo clima e pelas estações. Contrapõe-se à lógica acelerada do canteiro industrializado.

Mutirão.: Forma coletiva de organização do trabalho baseada na cooperação comunitária e na ajuda mútua. É recorrente na construção vernacular, sobretudo em etapas que demandam esforço coletivo.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou que os saberes construtivos vernaculares constituem um campo consistente de produção de conhecimento técnico e cultural, historicamente fundamentado na experiência, na oralidade e na transmissão intergeracional dos ofícios. A partir do recorte territorial do Sul de Minas Gerais, demonstrou-se que tais práticas não correspondem a resquícios de um passado superado, mas a sistemas construtivos dinâmicos, continuamente atualizados em diálogo com as condições materiais, sociais e ambientais do território.

A pesquisa de campo confirmou o papel central dos trabalhadores da construção civil como agentes ativos do processo construtivo, responsáveis por decisões técnicas, adaptações e soluções que articulam tradição e experimentação. Esse conhecimento, predominantemente incorporado e situado, desafia a separação entre projeto e execução e tensiona as hierarquias estabelecidas entre saber técnico-formal e saber do fazer.

As técnicas e materiais observados revelam não apenas eficiência construtiva, mas também princípios alinhados a debates contemporâneos sobre sustentabilidade, economia de recursos e adequação climática. Nesse sentido, os saberes vernaculares analisados apresentam-se como repertório ativo, capaz de informar práticas arquitetônicas atuais sem recorrer à idealização do passado.

Por fim, a sistematização dos termos e técnicas por meio do glossário configura-se como estratégia de registro e valorização da memória construtiva regional. Ao reconhecer a legitimidade dos saberes vernaculares e dos sujeitos que os produzem, o estudo contribui para ampliar o debate sobre arquitetura vernacular, patrimônio imaterial e práticas construtivas contemporâneas contextualizadas.

10. AGRADECIMENTOS

Agradeço, com profunda admiração ao meu pai Jarico e ao meu avô Chico, por todo o saber transmitido no cotidiano das construções e da vida. À minha mãe Cleide e meu irmão Thiago, pelo apoio incondicional em cada passo, e a minha avó Maria (*in memoriam*), por sua presença constante, mesmo na ausência. À minha parceira Larissa, que compartilha a vida comigo e me apoia sempre. Às professoras Amália e Gloria, pelas orientações generosas e pelas conversas atentas sobre a pesquisa. Estendo meu agradecimento a todos com quem dividi os caminhos do canteiro ao longo dos anos: colegas de trabalho que, com dedicação e parceria, foram fundamentais não apenas nas obras, mas também nas bases desta pesquisa e da minha própria formação.

11.REFERÊNCIAS

BARDI, Lina Bo. Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA, Lucio. Documentos de trabalho. In: PESSOA, José (org.). Lucio Costa: documentos de trabalho. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

CRUZ, Cícero Ferraz. Fazendas do Sul de Minas: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2010.

FERRAZ, Marcelo. Arquitetura e trabalho livre: conversas com Lina Bo Bardi. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993.

FERRAZ, Marcelo. Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira. São Paulo: Romana Guerra, 2020.

FERRO, Sérgio. O canteiro e o desenho. São Paulo: Dafne Editora, 2006.

FURTADO, Júnia Ferreira. Formação econômica e social de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: IPHAN, 2000.

LEMOS, Carlos A. C. Arquitetura brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos. Belo Horizonte: UFMG, 1979.

WEIMER, Gunter. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2022.